

INSATISFAÇÃO CORPORAL E FATORES ASSOCIADOS EM ESCOLARES EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO PARANÁ

Rozane Márcia Triches¹
Greisi Kelly Beal²

TRICHES, R. M.; BEAL, G. K. Insatisfação corporal e fatores associados em escolares em um município do interior do Paraná. *Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 22, n. 3, p. 139-144, set./dez. 2018.

RESUMO: Investigar a prevalência de insatisfação corporal e fatores associados de escolares de 8 a 10 anos de escolas públicas municipais da cidade de Ampere, Paraná. Estudo transversal, realizado com 216 escolares de oito a dez anos. Os fatores investigados para associação foram: idade, sexo, zona de residência e escolaridade dos pais. Os dados foram coletados por meio de um questionário adaptado contendo a escala de imagem corporal (*Children's Figure Rating Scale*) sobre insatisfação corporal, perguntas sobre a escolaridade dos pais e zona de residência. O peso das crianças foi obtido por meio de antropometria. O Índice de Massa Corporal foi calculado para classificar o estado nutricional. O teste do qui quadrado foi aplicado para a análise de satisfação e insatisfação e distribuição da insatisfação corporal discriminada em desejo de emagrecer e de engordar entre as variáveis, apresentando significância quando $p < 0,05$. A prevalência de insatisfação corporal foi de 64,8%. A variável associada com insatisfação corporal foi: estado nutricional ($p=0,011$). As variáveis associadas com insatisfação corporal segundo o desejo de emagrecer ou engordar foram sexo ($p=0,049$) e estado nutricional ($p=0,000$). Altos índices de insatisfação corporal foram encontrados mesmo em uma pequena cidade do interior. Esses resultados devem servir de alerta para os educadores, profissionais de saúde e aos pais, para que fiquem atentos sobre a insatisfação corporal, com o objetivo dos escolares desenvolverem uma melhora na sua qualidade de vida por meio da maior satisfação com seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Insatisfação corporal. Obesidade.

BODY DISSATISFACTION AND ASSOCIATED FACTORS IN STUDENTS IN A CITY OF THE INTERIOR OF PARANÁ

ABSTRACT: Investigating the prevalence of body dissatisfaction and associated factors in students aged 8 to 10 in the municipal public schools in the city of Ampere, Paraná. A cross-sectional study developed with 216 students aged 8 to 10 years. The investigated factors were age, sex, residence location and parents' educational level. Data were collected through an adapted questionnaire containing the Children's Figure Rating Scale regarding body dissatisfaction, questions regarding the school level of the parents and the residence location. Anthropometry was used to obtain the weight of the children. The Body Mass Index was used to classify the nutritional status. The Chi-square test was used to analyse the satisfaction and dissatisfaction, as well as the distribution of corporal dissatisfaction discriminated in a desire to lose weight and gain weight among the variables, presenting significance when $p < 0.05$. The result presented prevalence of body dissatisfaction of 64.8%. The variable associated with body dissatisfaction was nutritional status ($p=0.011$). The variables associated with body dissatisfaction according to the desire to lose weight or gain weight were gender ($p=0.049$) and nutritional status ($p=0.000$). High body dissatisfaction rates were found even in such a small town. These results should be considered as a warning to educators, health professionals and parents to become aware of body dissatisfaction, with the objective of leading students to improve their quality of life through greater satisfaction with their own bodies.

KEYWORDS: Body dissatisfaction. Child. Obesity.

Introdução

A imagem corporal, no conceito de Paul Schilder (1994), é um fenômeno multifacetado, sendo uma construção não só cognitiva, mas também uma reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação com os outros. De acordo com o mesmo autor, a imagem do corpo não possui apenas fatores patológicos, os eventos diários também contribuem para sua construção. O processo de formação da imagem corporal tem início a partir do nascimento, sendo que a mesma sofre modificações por meio das experiências individuais e suas relações sociais. Porém, nos períodos de pré-adolescência e adolescência há uma estruturação deste processo, pois nesse período, o corpo está em constante modificação (TONI et al., 2012).

Embora a insatisfação corporal seja de causa multifatorial, a preocupação com a imagem do corpo em idades mais jovens também é influenciada por aspectos socioculturais. Os ideais de beleza responsáveis pela insatisfação corporal são transmitidos em sua maioria pela mídia, sendo

que a não correspondência a este ideal pode ser determinante na alteração da percepção da imagem corporal do indivíduo. Efeito este, que pode ser observado até em crianças, uma vez que os mesmos estão expostos a um culto pelo corpo ideal preconizado pela sociedade e influenciado fortemente pela mídia (LAUS, 2012).

Alguns autores relatam que o descontentamento com o corpo tem sido adquirido ainda na pré-adolescência (MARQUES; LEGAL; HOFELMANN, 2012; CIAMPO; CIAMPO, 2010). Em um estudo sobre insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil, Triches e Giugliani (2007) encontraram em uma amostra de 573 escolares, entre 8 e 10 anos de idade, a prevalência de 63,9% de insatisfação com o corpo. Uma das principais causas da insatisfação corporal é o estado nutricional, mais precisamente, a obesidade. Finato et al. (2013), em estudo realizado no Sul do Brasil, ao verificarem a insatisfação da imagem corporal em escolares, concluíram que 71,5% estavam insatisfeitos com seu corpo e que os adolescentes com excesso de peso apresentavam a maior insatisfação. A construção da

DOI: 10.25110/arqsaude.v22i3.2018.6035

¹Professora Adjunta III, Curso de Graduação em Nutrição e Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável - Campus de Realeza e Laranjeiras do Sul - Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. E-mail: rozane.triches@uffs.edu.br

²Acadêmica do Curso de Nutrição da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Av. Edmundo Gaievski, 1000, Realeza, PR. Cep: 85770.000. E-mail: greisikellybeal@gmail.com.

imagem corporal é um processo que sofre grandes influências sendo que muitas destas influências podem ser negativas e prejudiciais à saúde, como os distúrbios alimentares - anorexia e bulimia (CIAMPO; CIAMPO, 2010).

Por isso, se faz necessário identificar a prevalência de insatisfação corporal precocemente e diagnosticar os fatores associados, bem como os determinantes da insatisfação, visando à implantação de políticas e programas públicos que possam reverter o quadro e promover saúde. Portanto, o objetivo deste artigo foi investigar a prevalência de insatisfação corporal e fatores associados de escolares de oito e dez anos de idade, de escolas públicas municipais de uma cidade de pequeno porte no interior do Paraná (Ampére). A escolha deste município justifica-se pela necessidade de investigar se esta insatisfação está afetando também pré-adolescentes de regiões menos urbanizadas.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caráter transversal, realizado no município de Ampére- PR. A escolha por este tipo de estudo justifica-se por identificar as prevalências de agravos à saúde, além de ser mais econômico e oferecer um diagnóstico relativamente rápido do problema investigado. Esse município tem uma população de, aproximadamente, 18.000 mil habitantes, dos quais 66% vivem em área urbana e 34% na área rural. A cidade possui baixo índice de analfabetismo e caracteriza-se pelo dinamismo e diversidade econômica (IBGE, 2010). Os participantes foram escolares de 3ª e 4ª séries entre oito e dez anos das seis escolas públicas municipais, das quais três localizam-se na zona urbana e três na zona rural do município. Desta forma, o total de escolares na faixa etária estudada somou 261.

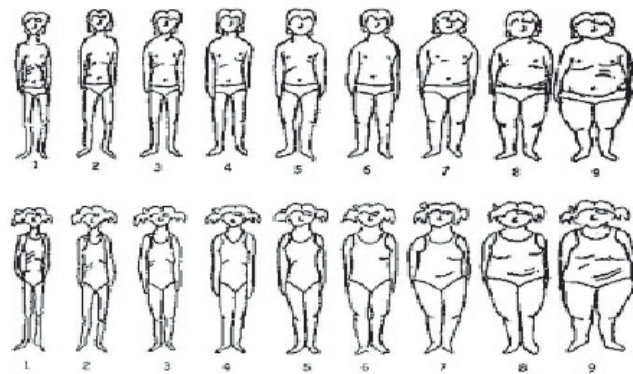
Foram coletados dados antropométricos de peso e estatura para o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) para verificação do atual estado nutricional dos escolares. O IMC foi classificado de acordo com a idade e o sexo de cada escolar, sendo o IMC classificado conforme pontos de corte recomendados pelo Ministério da Saúde do Brasil, baseados nas orientações da Organização Mundial da Saúde. Esta classificação consiste em considerar magreza ($P < 15$), eutrofia ($15 \leq P \leq 85$), sobrepeso ($P > 85$), obesidade ($P > 97$) (BRASIL, 2006).

As medidas antropométricas foram coletadas na escola, em sala separada, visando garantir a integridade e individualidade de cada escolar e de maneira padronizada, segundo os critérios de Jelliffe (1968), onde as crianças foram pesadas descalças e com o mínimo de roupas possível. A coleta dos dados foi realizada no período de aula, com prévia autorização. A massa corporal foi obtida através de balança eletrônica da marca Marte® com capacidade de 180 kg e precisão de 100 g. Para a medida de estatura, foi utilizada fita métrica, afixada em parede sem rodapé e em ângulo de 90° com o solo. As medidas foram coletadas sempre com os mesmos equipamentos, rotineiramente calibrados. A coleta foi realizada em sequência ao preenchimento do questionário no dia seguinte da entrega do termo de autorização dos pais ou responsáveis.

Para obtenção da variável satisfação com o corpo, foi utilizada a escala de imagem corporal "Children's Figure Rating Scale" (Figura 1), de autoria de Tiggeman e Wilson-

Barrett (1998). Trata-se de uma escala de figuras de nove silhuetas numeradas de um a nove, diferenciadas para os sexos, que variam desde um corpo muito magro a outro muito gordo. As silhuetas foram apresentadas a cada participante que deveria escolher a figura que melhor o representaria e a que gostaria de ter ou a que julgaria ser a ideal. Foi considerada insatisfação corporal qualquer diferença observada entre a imagem corporal percebida e a ideal. Quando essa variação era igual a zero, os escolares eram classificados como satisfeitos, quando diferente de zero, como insatisfeitos. Quando a diferença era positiva, foi considerada insatisfação pelo excesso de peso (desejo de diminuir o tamanho da silhueta) e quando negativa, insatisfação pela magreza (desejo de aumentar a silhueta).

Figura 1: Escala de Imagem Corporal (TIGGEMAN & WILSON- BARRETT, 1998).



Esta escala foi aplicada junto a um questionário adaptado que continha perguntas sobre idade, sexo, série e local de residência (questões sociodemográficas), e na sequência perguntas sobre a imagem corporal, (as quais são mais pessoais). Após a leitura de cada questão feita para toda a classe por uma das pesquisadoras, as crianças marcavam suas respostas no questionário. A variável escolaridade dos pais foi respondida pelos próprios pais no momento em que os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados foi realizada mediante consentimento dos pais ou responsáveis e pelo assentimento assinado pelo escolar. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (nº 39607314.2.0000.5564), pela prefeitura do município envolvido e pelos diretores das escolas, respeitando a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

Todas as análises estatísticas foram feitas no Programa SPSS, versão 19.0 (IBM, 2010). O teste do qui quadrado de Pearson foi utilizado para a análise da satisfação e insatisfação corporal e distribuição da insatisfação corporal discriminada em desejo de emagrecer e de engordar entre as variáveis, sendo considerado como nível de significância $p < 0,05$.

Resultados

Das 261 crianças que compunham a população estudada, 45 não participaram devido à ausência no dia da coleta

de dados e por não haver o consentimento dos pais, perfazendo um total de morte amostral igual a 17,2%. Desta maneira, a população participante foi composta por 216 escolares.

A população estudada apresenta a mesma proporção de meninas (50%) e meninos (50%). A concentração maior de alunos encontra-se residindo na zona urbana (80,6%). A maioria (em torno de 55,6%) dos pais têm mais de oito anos de estudo (ensino fundamental completo ou mais). Em relação ao estado nutricional, 59,7% dos alunos estavam eutróficos, 14,4% estavam com sobrepeso, 23,1% com obesidade e 2,8% com magreza.

A prevalência de insatisfação corporal para toda a população estudada foi de 64,8% (n =140 crianças). Conforme a Tabela 1, a insatisfação corporal está presente em ambos os sexos, tendo prevalências próximas. No que diz respeito à idade dos participantes, verificou-se que o percentual de insatisfação aumenta com o avanço da idade, porém, não houve associação estatística entre idade e insatisfação com o corpo. Em relação ao estado nutricional, as crianças mais insatisfeitas são as que estão com obesidade, magreza e sobrepeso, respectivamente, mas mesmo entre as crianças consideradas eutróficas, a maioria está insatisfeita com o seu peso. Desta maneira, o estado nutricional mostrou-se associado com a insatisfação corporal (p=0,011).

Quanto à zona de residência, encontraram-se prevalências de insatisfação semelhantes para zona urbana e zona rural. Na variável escolaridade dos pais ou responsáveis, o maior percentual de insatisfação corresponde aos escolares cujo pai tem menos de oito anos de estudo.

Tabela 1: Distribuição de Escolares Insatisfeitos e Satisfeitos com seu corpo de acordo com as variáveis sociodemográficas e nutricionais em escolares (n=101). Escolas Municipais de Ampère, PR, 2015.

Variáveis	Insatisfeito		Satisfeito		p
	n	%	n	%	
Sexo					
Masculino	71	65,7	37	34,0	0,776
Feminino	69	63,9	39	36,1	
Idade					
8 anos	10	45,5	12	54,5	0,107
9 anos	83	65,4	44	34,6	
10 anos	47	70,1	20	29,9	
Diagnóstico					
Magreza	4	66,7	2	33,3	0,011
Eutrofia	74	57,4	55	42,6	
Sobrepeso	20	64,5	11	35,5	
Obesidade	42	84,0	8	16,0	
Zona de Residência					
Urbana	113	64,9	61	35,1	0,936
Rural	27	64,3	15	35,7	
Escolaridade do Pai					
Menos que 8 anos	45	69,2	20	30,8	0,431
8 anos ou mais	52	59,8	35	40,2	
Não sabe informar	43	67,2	21	32,8	
Escolaridade da Mãe					
Menos que 8 anos	34	63,0	20	37,0	0,93
8 anos ou mais	78	65,0	42	35,0	
Não sabe informar	28	66,7	14	33,3	

Elaborada pelas autoras, 2016.

Em relação à insatisfação quanto ao desejo de emagrecer ou de engordar, entre os sexos, a maior parte das meninas insatisfeitas desejaria um corpo menor, enquanto que nos meninos houve maior prevalência no desejo de serem

maiores, quando comparados com as meninas, apresentando-se associado estatisticamente (p=0,049), como pode ser visualizado na Tabela 2. A idade e as escolaridades dos pais não apresentaram associação com os desejos de emagrecer ou engordar.

No que diz respeito à zona de residência, percebe-se que os escolares que residem na zona urbana são os mais afetados pela insatisfação, no desejo de emagrecer, mas o desejo de engordar é mais prevalente na zona rural.

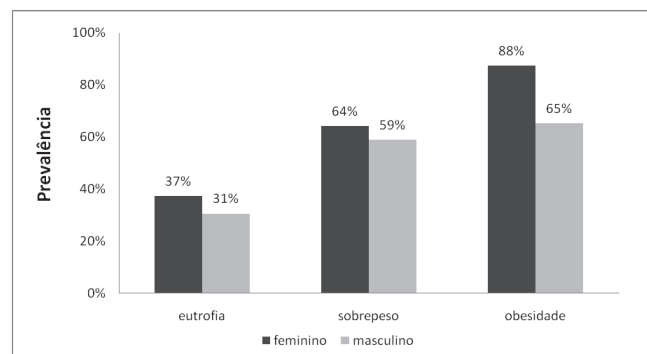
Tabela 2: Distribuição das frequências de insatisfação corporal quanto ao desejo de emagrecer e engordar de acordo com as variáveis sociodemográficas e nutricionais em escolares (n=101). Escolas Municipais de Ampère, PR, 2015.

Variáveis	Quer Emagrecer		Quer Engordar		p
	n	%	n	%	
Sexo					
Masculino	46	64,8	25	35,2	0,049
Feminino	55	79,7	14	20,3	
Idade					
8 anos	7	70,0	3	30,0	0,911
9 anos	61	73,5	22	26,5	
10 anos	33	70,2	14	29,8	
Estado nutricional					
Magreza	0	0,0	4	100,0	0,000
Eutrofia	44	59,5	30	40,5	
Sobrepeso	19	95,0	1	5,0	
Obesidade	38	90,5	4	9,5	
Zona de Residência					
Urbana	78	85,2	4	14,8	0,092
Rural	23	69,0	35	31,0	
Escolaridade do Pai					
Menos que 8 anos	35	77,8	10	22,2	0,546
8 anos ou mais	37	71,2	15	28,8	
Não sabe informar	29	67,4	14	32,6	
Escolaridade da Mãe					
Menos que 8 anos	25	73,5	9	26,5	0,851
8 anos ou mais	57	73,1	21	26,9	
Não sabe informar	19	67,9	9	32,1	

Elaborada pelas autoras, 2016.

Considerando a diferença entre os sexos, a insatisfação tem prevalências diferentes no que diz respeito ao desejo de tamanho de corpo e estado nutricional. Segundo a Figura 1, mais meninas com obesidade, eutrofia e sobrepeso desejam emagrecer, se comparadas aos meninos.

Figura 2: Prevalência de insatisfação com o corpo - desejo de emagrecer - entre meninas e meninos, segundo o estado nutricional.

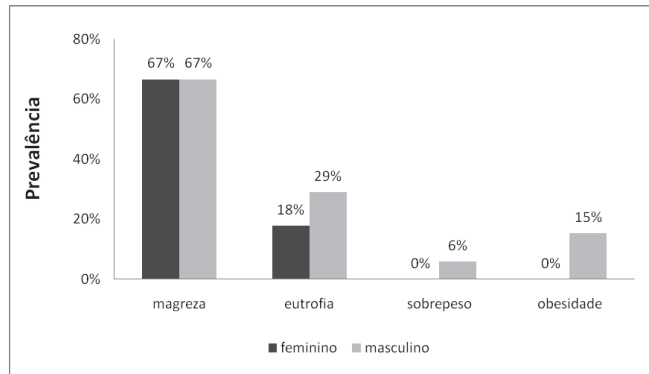


Fonte: Autoras do estudo, 2016.

Por outro lado, mais meninos em eutrofia, sobrepeso e obesidade querem engordar, representando o desejo de um corpo maior (Figura 3). Já os escolares com magreza, apresentaram a mesma prevalência (8%) pelo desejo de en-

gordar para ambos os sexos.

Figura 3: Prevalência de insatisfação com o corpo - desejo de engordar - entre meninas e meninos, segundo o estado nutricional.



Fonte: Autoras do estudo, 2016.

Discussão

Ao avaliar as prevalências de insatisfação corporal observadas neste estudo, verifica-se que mesmo em pré-adolescentes de pequenas cidades do interior, o número de crianças insatisfeitas com o seu corpo é elevado (64,8%). No entanto, em estudo realizado em Itajaí-SC, por Leite et al. (2014) com escolares do 4º e 5º ano, utilizando o mesmo método de investigação, a prevalência de insatisfação corporal foi de 76,9%, indicando que esta apresenta-se ainda maior em centros urbanos, se comparada com os resultados deste estudo.

Ressalta-se que neste estudo a insatisfação não está presente somente em crianças com sobrepeso, obesidade ou baixo peso, mas também em grande parte daquelas consideradas eutróficas (57,4%). Triches e Giugliani (2007) em um estudo com escolares de oito a dez anos de idade na região Sul do Brasil, encontraram resultados semelhantes, 58,2% deles, mesmo considerados eutróficos, estavam insatisfeitos com o seu peso.

Em relação ao sexo, os resultados demonstram que ambos, meninos e meninas, têm elevadas prevalências de insatisfação, mas com diferentes preocupações em relação ao desejo de emagrecer e engordar. Na literatura, os estudos são controversos no que diz respeito a este quesito. Leite et al. (2014) encontraram prevalências superiores de insatisfação para meninos, enquanto em outros estudos, as prevalências de insatisfação com a imagem corporal foram maiores para as meninas (SANTINI; KIRSTEN, 2012; MELO 2010; DUMITH et al., 2012; FINATO et al., 2013). Em relação aos desejos de emagrecer (silhueta menor) ou engordar (corpo maior), este estudo concorda com Paludo e Dalpube (2015), que demonstraram que as meninas preferem ser mais magras, enquanto os meninos desejam corpo maior, não significando o desejo de ter mais gordura corporal, e sim, porte atlético. Outro estudo com escolares do 5º a 8º ano, que também encontrou os mesmos resultados foi o de Marques, Legal e Hofelmann (2012). Entre as meninas, o desejo de apresentar imagem corporal menor do que a atual (48,6%) foi mais frequente do que entre os meninos (35,1%). Em relação ao desejo pelo corpo maior, este esteve presente em 36,5% para os meninos e 27,1% para as meninas. Corroborando com a

ideia do papel da mídia e de outros veículos socioculturais na incorporação de estereótipos de beleza e de corpo considerados 'perfeitos', onde a menina deve ser magra e o menino deve ser forte. Estes dados são relevantes na medida em que podem influenciar fortemente na incidência de doenças como bulimia, anorexia e uso indiscriminado de anabolizantes.

O estado nutricional mostrou-se associado à insatisfação com o corpo. Verificou-se que as crianças que têm obesidade, sobrepeso e baixo peso, são as que possuem os maiores índices de insatisfação corporal. Esta associação também foi encontrada por Finato (2013) e Pinheiro e Jiménez (2010) os quais também verificaram maior insatisfação em crianças e adolescentes que não se encontram no seu peso considerado adequado. Ressalta-se que, no presente estudo, entre aqueles com peso adequado, houve prevalências diferenciadas entre os sexos no que diz respeito ao desejo de terem silhueta menor ou maior. Mais meninas eutróficas, gostariam de ter um corpo mais magro, ao contrário dos meninos, que gostariam de ter corpo maior. Destaca-se que atualmente o estereótipo de beleza para o sexo feminino é o corpo magro e esbelto, enquanto que para o sexo masculino, a beleza é idealizada por uma figura robusta (ANDRADE, 2009).

A alteração da imagem corporal independente do estado nutricional dos indivíduos, até mesmo em crianças nos remete à Teoria do Descontentamento Normativo, a qual sustenta a ideia de que a insatisfação com o próprio corpo parece estar relacionada às exigências sociais e culturais de aparência e magreza, se tornando regra estar insatisfeito (RODRIGUES, 2013).

Apesar de não ter sido encontrada associação estatística entre insatisfação corporal e idade, este estudo mostra uma tendência maior de insatisfação nos escolares mais velhos, concordando com outros estudos os quais encontraram prevalências maiores de insatisfação conforme o aumento da idade (TONI et al., 2012; FIDELIX et al., 2013).

É importante ressaltar que nessa faixa etária os meninos estão em harmonia entre a preferência de ter corpo maior e a realidade (período de crescimento), uma vez que são estimulados a praticarem atividades esportivas a fim de buscar um corpo de porte atlético e musculoso, enquanto as meninas praticam atividades físicas que impliquem em redução de peso, com enfoque no caráter estético, enfrentando precocemente o conflito entre a preferência de serem mais magras e as mudanças físicas (SANTINI; KIRSTEN, 2012). A insatisfação corporal através de diferentes maneiras pode afetar ambos os sexos, sendo necessário identificá-los e analisá-los segundo suas individualidades (LEITE et al., 2014).

Este estudo também analisou se o local de residência dos escolares influenciaria na insatisfação corporal. Os resultados não demonstraram significância estatística, no entanto, Santini e Kirsten (2012), ao avaliarem a relação entre estado nutricional e imagem corporal de escolares de 6 a 9 anos do meio rural da cidade de Santa Maria (RS), também, a exemplo deste estudo, verificaram altas prevalências (65,4%) de insatisfação corporal em localidades do interior. Estas evidências levam a considerar que mesmo os escolares de zonas rurais estão sendo afetados por padrões de beleza impostos socialmente, a exemplo do que já acontece nos centros urbanos.

A escolaridade dos pais não apresentou associação estatística com insatisfação com a imagem corporal, porém

a maior prevalência de insatisfação foi nos filhos cujo pai apresenta menor escolaridade. No estudo realizado por Toni et al. (2012), quando confrontadas as variáveis insatisfação corporal e escolaridade da mãe, nas famílias onde as mães apresentam maior escolaridade, a chance de haver insatisfação corporal nos filhos, foi 30,6% menor, quando comparado com mães com escolaridade inferior. Estes resultados podem mostrar que as crianças com mães menos escolarizadas são mais suscetíveis às influências socioculturais, tendo assim, necessidade maior de serem aceitas pelo meio social em que vivem. Ressalta-se que na literatura, as pesquisas realizadas mostram resultados conflitantes, o que pode ser devido à utilização de diferentes instrumentos e maneiras de avaliar o nível econômico, além de serem diferentes amostras populacionais.

Portanto, os achados e as contradições ainda existentes na literatura indicam que novos estudos são necessários para identificar mais claramente quais são as causas, os fatores associados e as consequências da insatisfação corporal em pré-adolescentes, bem como, a atuação de fatores socioculturais na insatisfação corporal.

Além disso, as limitações deste estudo, como a restrição a um único município e o delineamento escolhido (transversal), reitera que estudos com maior número populacional e de delineamento longitudinal possam ser mais esclarecedores sobre as questões ainda em aberto.

No entanto, estes resultados devem servir de alerta para os educadores, profissionais de saúde e para os pais, para que fiquem atentos sobre esta questão e orientem e viabilizem ações e programas com o intuito de reduzir estes índices de insatisfação, tanto em meninas quanto em meninos. Ações estas que devem ter como objetivo proporcionar melhora na sua auto-estima por meio de maior satisfação com seu corpo e prevenir problemas ainda maiores no futuro.

Conclusão

Este estudo mostra que, mesmo em uma pequena cidade do interior, a insatisfação corporal afeta grande proporção de pré-adolescentes. Considerando as variáveis estudadas, a que demonstrou significância estatística foi o estado nutricional, mais especificamente, os escolares com obesidade, magreza e sobrepeso estavam mais propensos à insatisfação corporal que os de peso adequado. No entanto, chamou a atenção que, mesmo os eutróficos, apresentaram altos índices de insatisfação (57,4%).

Aprofundando a análise e estudando apenas os insatisfeitos, verificou-se que as variáveis associadas foram o estado nutricional e o sexo. Observaram-se diferenças entre meninos e meninas no que tange ao desejo de emagrecer e engordar, sendo mais prevalente nas meninas a vontade de ser mais magra e nos meninos a vontade de ser maior, corroborando com a ideia do papel da mídia e de outros veículos socioculturais na incorporação de estereótipos de beleza e de corpo considerados 'perfeitos'. Neste sentido, identificou-se que a insatisfação dos escolares com eutrofia tinham prevalências diferenciadas entre os sexos, onde meninas com peso adequado queriam ser ainda mais magras e os meninos queriam ser maiores ou mais 'fortes'. Estes dados são relevantes na medida em que podem influenciar fortemente na incidência de doenças como bulimia, anorexia e uso indiscriminado

de anabolizantes.

Embora sem diferença estatística, o estudo aponta para um aumento na prevalência de insatisfeitos com o avanço da idade, o que pode indicar que esta preocupação com o corpo inicia na pré-adolescência e aumenta na adolescência, o que leva a pensar em estratégias de intervenção em idades mais tenras.

Em relação à zona de residência, observou-se uma leve diferença entre os desejos de engordar e emagrecer, sendo que no meio rural destaca-se a primeira e no meio urbano a segunda. Dado que dá pistas que no meio urbano as influências mais prevalentes são as de um corpo magro, enquanto no meio rural, a necessidade é de um corpo maior ou mais forte. Outro fator estudado, mas que também não apresentou diferenças estatísticas foi a escolaridade dos pais, embora as prevalências maiores de insatisfação tenham sido a de escolares filhos de pais com menor nível de escolaridade. Estes achados e as contradições ainda existentes na literatura indicam que novos estudos são necessários para identificar mais claramente quais são as causas, os fatores associados e as consequências da insatisfação corporal em pré-adolescentes, bem como, a atuação de fatores socioculturais na insatisfação corporal.

Além disso, as limitações deste estudo, como a restrição a um único município e o delineamento escolhido (transversal), reitera que estudos com maior número populacional e de delineamento longitudinal possam ser mais esclarecedores sobre as questões ainda em aberto.

No entanto, estes resultados devem servir de alerta para os educadores, profissionais de saúde e para os pais, para que fiquem atentos sobre esta questão e orientem e viabilizem ações e programas com o intuito de reduzir estes índices de insatisfação, tanto em meninas quanto em meninos. Ações estas que devem ter como objetivo proporcionar melhora na sua auto-estima por meio de maior satisfação com seu corpo e prevenir problemas ainda maiores no futuro.

Referências

- ANDRADE, M. R. M. **Prevalência de Insatisfação Corporal em escolares de Juiz de Fora – MG**. 2009.111f. [Dissertação]. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora; 2009.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, Sistema de Legislação da Saúde, **Resolução CNS nº 466**. Brasília: Conselho Nacional da Saúde. 2012. 1p.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Departamento de Atenção Básica, Sistema de Vigilância Alimentar Nutricional, **Curvas de Crescimento**. Brasília: Departamento de Atenção Básica. 2006. 1p.
- CIAMPO, L. A. D.; CIAMPO, I. R. L. D. Adolescência e imagem corporal. **Revista Adolescência e Saúde**, v. 7, n. 4, p. 55-59, 2010.
- DUMITH, S. C. et al. Insatisfação corporal em adolescentes: um estudo de base populacional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 9, p. 2499-2505, 2012.

FIDELIX, Y. L. et al. Dados sociodemográficos, estado nutricional e maturação sexual de escolares do sexo masculino: exposição à insatisfação com a imagem corporal. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 24, n. 1, p. 83-92, 2013.

FINATO, S. et al. Insatisfação com a imagem corporal em escolares do sexto ano da rede municipal de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, n. 1, p. 65-70, 2013.

IBM SPSS Statistics for Windows, Version 19.0. Armonk, NY: IBM Corp, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico 2010** [Internet]. Brasília. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=410100&search=parana|ampere|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 28 out 2015.

JELLIFE, D. B. **Evaluación del estado de nutrición de la comunidad**. Organización Mundial de la Salud, Série de Monografias 53, Ginebra, 1968. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2671311&pid=S0212-1611201200040002300013&lng=es. Acesso em: 18 ago 2014.

LAUS, M. F. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. 2012. 121f. [Dissertação]. Universidade de São Paulo; Ribeirão Preto, SP. 2012.

LEITE, A. C. B, et al. Insatisfação corporal em escolares de uma cidade do sul do Brasil. **Journal of Human Growth and Development**, v. 24, n. 1, p. 54-61, 2014.

MARQUES, F. A.; LEGAL, E. J.; HOFELMANN, D. A. Insatisfação corporal e transtornos mentais comuns em adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 30, n. 4, p. 553-61, 2012.

MELO, H. A. **Estado nutricional e insatisfação corporal entre escolares da cidade de Guarapuava – PR**. 2010. [Trabalho de conclusão de curso]. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro – Oeste UNICENTRO. 2010.

PALUDO, J.; DALPUBEL, V. Imagem corporal e sua relação com o estado nutricional e a qualidade de vida de adolescentes de um município do interior do Rio Grande do Sul. **Nutrire**, v. 40, n. 1, p. 1-9, 2015.

PINHEIRO, N.; JIMÉNEZ, M. Percepção e insatisfação corporal: um estudo em crianças brasileiras. **Revista Psico**, v. 41, n. 4, p. 510-516, 2010.

RODRIGUES, A. M. Um eu que não quero meu. Imagem Corporal, Bulimia Nervosa e act: uma abordagem funcional. **Revista de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 10-23, 2013.

SANTINI, A. P.; KIRSTEN, V. R. Relação entre o perfil

nutricional e a imagem corporal de escolares e adolescentes matriculados em escolas do meio rural da cidade de Santa Maria – RS. **Revista da AMIRGS**, v. 56, n. 1, p. 32-37, 2012.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

TIGGEMANN, M.; WILSON-BARRETT, E. Children's figure ratings: relationship to self-esteem and negative stereotyping. **Int J Eat Disord**, v. 23, n. 1, p.83-88, 1998.

TONI, V. et al. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes de escolas públicas de Caxias do Sul – RS. **Rev. Bras. Cienc. Saude**, v. 16, n. 2, p. 187-194, 2012.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI, E. R. J. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 20, n. 2, p. 119-128, 2007.

Recebido: 21/02/2017

Aceito: 02/07/2018